

Dólar volta a subir e atinge R\$ 5,66 em dia de nova crítica de Lula ao BC

Moeda dos EUA chegou a bater R\$ 5,70, mas desacelerou após boato sobre ação do Banco Central

SÃO PAULO O dólar voltou a subir e atingiu R\$ 5,66 nesta terça (2), numa alta de 0,22%, renovando seu maior valor desde janeiro de 2022 numa sessão marcada por novas falas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sobre o Banco Central. Na máxima do dia, no início da tarde, a moeda americana chegou a atingir R\$ 5,70, mas perdeu força ao longo do período.

Em entrevista à rádio Sociedade da Bahia, Lula afirmou que o Banco Central é uma instituição de estado e não pode estar a serviço do sistema financeiro. Ele também voltou a dizer que o presidente da autoridade monetária, Roberto Campos Neto, tem visões ideológicas.

"A gente precisa manter o Banco Central funcionando de forma correta, com autonomia, para que seu presidente não fique vulnerável às pressões políticas. Se você é democrata, permite que isso aconteça. Quando é autoritário, resolve fazer com que o mercado se apodere da instituição", disse o presidente.

Lula também disse que há atualmente um ataque especulativo ao real, acrescentando que voltará a Brasília na quarta e discutirá o que fazer em relação à alta do dólar. Lula voltou a afirmar que há uma especulação dos operadores financeiros a favor do dólar e contra o real e que o governo tem que "fazer algo sobre isso".

Nos últimos 60 dias, nos meses de junho e julho, Lula fez ao menos 14 comentários públicos sobre política fiscal e monetária, em 12 diferentes dias. Crítico à autonomia do Banco Central, atacou o presidente da autarquia e colocou em dúvida a intenção do governo de cortar gastos, entre outros assuntos que afetam o humor do mercado.

Após o dólar abrir em baixa, a fala de Lula passou a pesar sobre os negócios ao longo da manhã e as cotações da

moeda norte-americana ganharam força. Profissionais do mercado afirmaram que a possível intervenção do governo no câmbio gerava recessos.

"A insistente despreocupação do governo com o déficit fiscal faz com que os investidores sigam retirando a moeda estrangeira do país", diz Felipe Castro, planejador financeiro e sócio da Matriz Capital. Na visão do analista Régis Chinchila, da Terra Investimentos, a fala corrobora o mau humor dos últimos dias com tensão crescente entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o titular do BC em um ambiente de aumento nas preocupações fiscais.

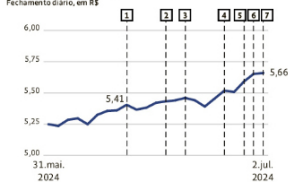
Mais tarde, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, negou que o governo vá adotar uma medida de controle da alta da moeda frente ao real por meio do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) nas operações de câmbio, possibilidade que havia sido levantada entre operadores. "A nossa agenda com o presidente amanhã é exclusivamente uma agenda fiscal. Não sei de onde saiu esse rumor", disse o ministro ao negar medidas de controle de capital.

Perto do fim da sessão, no entanto, a moeda americana desacelerou e se afastou das máximas. Houve movimento semelhante nas curvas de juros futuros do Brasil, que operaram em alta durante boa parte do dia, mas passaram a cair, acompanhando os rendimentos dos títulos do Tesouro americano, os "treasuries".

Profissionais do mercado também citaram rumores de que o BC estaria consultando tesourarias de moeda para avaliar uma possível operação no câmbio.

Consultas deste tipo são comuns em momentos de maior estresse, como o atual, para que o BC possa medir o apetite do mercado por dólares à vista ou por contratos de swap. A instituição vem repetindo que somente vai intervir no

As declarações de Lula e o dólar



- 12 jun** "O aumento da arrecadação e a queda da taxa de juros permitirão a redução do déficit sem comprometer a capacidade de investimento público"
- 18 jun** "O presidente do Banco Central, que não demonstra nenhuma capacidade de autonomia, que tem lado político e que, na minha opinião, trabalha muito mais para prejudicar o país do que para ajudar o país"
- 20 jun** "A decisão do Banco Central foi investir no sistema financeiro. E nós queremos investir na produção"
- 26 jun** "Problema é saber se precisa efetivamente cortar ou se precisa aumentar a arrecadação"
- 28 jun** "A taxa de juros de 10,50% [ao ano] é irreal para uma inflação de 4%. Isso vai poder melhorar quando eu puder indicar o presidente [do Banco Central]"
- 1º jul** "Eu estou há dois anos com o presidente do Banco Central do [ex-presidente] Bolsonaro, não é correto isso"
- 7 Ontem** "A gente precisa manter o Banco Central funcionando de forma correta, com autonomia, para que seu presidente não fique vulnerável às pressões políticas. Se você é democrata, permite que isso aconteça. Quando é autoritário, resolve fazer com que o mercado se apodere da instituição"

Fontes: CMA e Bloomberg

câmbio, promovendo novos leilões de moeda, se perceber disfuncionalidades.

Economistas, no entanto, desaconselham uma intervenção pontual do BC no câmbio para conter o dólar. Para eles, a alta está mais relacionada à confiança na política fiscal.

Os comentários de Lula vêm sendo apontados por profissionais do mercado como um dos principais motivos para

que o dólar tenha disparado ante o real e a curva de juros esteja em forte alta Brasil. Em 2024, a moeda dos EUA acumula elevação superior a 16%.

Na segunda (1º), por exemplo, Lula disse que quem quer o BC autônomo é o mercado, acrescentando que o próximo presidente da autarquia olhará o Brasil da forma que o país realmente é, e não do jeito que o mercado financeiro fala.

Depois de dizer que o país não precisa de juros altos neste momento, Lula disse que o BC ser mais importante que o presidente da República.

Nesta terça, Campos Neto participou de evento do BCE (Banco Central Europeu) e afirmou que "muitos ruídos" nos âmbitos fiscal e monetário e piora nas expectativas levaram o Copom (Comitê de Política Monetária) a interromper o ciclo de queda de juros.

"Isso tem muito mais a ver com os ruídos que foram criados do que com os fundamentos. E os ruídos estão relacionados a dois canais: um é a expectativa sobre o caminho da política fiscal e o outro é a expectativa sobre o futuro da política monetária", disse. Ele afirmou, ainda, que o BC deve se manter distante da "arena política".

No mesmo evento, investidores também acompanharam falas do presidente do Fed (Federal Reserve, o banco central americano), Jerome Powell, que afirmou que o Fed ainda precisa de mais dados antes de cortar os juros.

Dados de maio mostram que a medida de inflação preferida do Fed não aumentou na base mensal, enquanto a taxa anual desacelerou para 2,6%, ainda acima da meta de 2%, mas caindo.

"Queremos entender que os níveis que estamos vendo são uma leitura real do que está acontecendo com a inflação subjacente. Queremos estar mais confiantes e, francamente, como a economia dos EUA é forte, temos a capacidade de levar nosso tempo", disse Powell. Após a fala, o dólar renovou as máximas do dia.

Na Bolsa brasileira, o Ibovespa começou o dia em alta firme, mas também teve uma sessão instável, chegando a apagar os ganhos em alguns momentos. No fim, fechou em oscilação positiva de 0,25%, aos 124.787 pontos. "O governo sinalizou cer-

to des controle em relação ao déficit fiscal, que deve permanecer ainda negativo no ano que vem. Tudo é muito negativo para o mercado, o investidor acaba buscando ativos de renda fixa. A gente segue na expectativa de algum tipo de melhora nesse cenário. Qualquer sinalização positiva nesse sentido pode fazer a Bolsa andar bastante novamente", diz Charo Alves especialista em renda variável da Valor Investimentos.

Estrategistas do IBS cortaram a recomendação das ações brasileiras em seu portfólio de mercados emergentes para "neutra", citando que a situação política, e o correspondente impacto fiscal, poderá pesar sobre o sentimento dos investidores no curto prazo.

"O mercado brasileiro está barato e o índice geralmente é beneficiário dos preços mais elevados do petróleo. No entanto, surpresas negativas consistentes do lado macroeconômico e incertezas em torno da disciplina fiscal poderão continuar a pesar no mercado", afirmaram em relatório. No exterior, as apostas sobre quando o Banco Central americano deve iniciar seu ciclo de corte de juros seguem como principal motor do mercado.

Com Reuters

Tebet quer mudança no mandato e defende autonomia do BC

A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, defendeu uma mudança no mandato de presidente do Banco Central, para evitar que o nome escolhido por um governo passe dois anos no cargo durante uma nova gestão do Executivo.

"Acho que é saudável a autonomia do Banco Central, mas eu questiono [quando senador] esses dois anos de um presidente do BC de governos passados. Acho que um ano e mais que o suficiente, e o tempo de se adequar e passar o bastão", afirmou, nesta terça (2). A proposta de Tebet é que o mandato seja alterado, para fazer com que a troca na Presidência e no BC tenha só um ano de distância —hoje, são dois. Ela não detalhou como essa mudança poderia ser feita.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Pagina: 1